

CONVOCANTES

Diante da escalada aberrante das violências contra as mulheres e dos feminicídios, o Projeto Gradiva - clínica psicanalítica para mulheres em situação de violência (Porto Alegre-RS), juntamente com **Centro de Proteção e Acolhimento a Mulheres - Cepam - UFRGS** (Porto Alegre) representado pela psicanalista Sandra Torossian, o coletivo da **Clínica Feminista Antirracista Interseccional - CliFAI - UFRGS** (Porto Alegre) representado pela professora, pesquisadora de gênero e saúde mental, fundadora da CliFAI, Simone Paulon, o **Instituto Espaço Barca Aberta - IEBA** (Porto Alegre) representado pela psicóloga Neuziane Ule de Souza, o coletivo da **SUR Psicanálise e Intervenção Social** (São Paulo) representado pela psicanalista Emília Estivalet Broide, o **Grupo de estudos, pesquisas e escritas feministas - GEPEF**, a **Escola Psicanalítica da Escuta Periférica - EPEP/CPAPEC - Coletivo de pesquisa Ativista, Psicanálise, Educação e Cultura e Coalizão Queer** (Rio de Janeiro) representada pela psicanalista e pesquisadora da FAPESP, Sara Wagner York, coordenadora do coalizão Queer, **Maria Cristina Poli**, psicanalista e coordenadora do **Coletivo Intervenção - UFRJ** (Rio de Janeiro), a psicanalista e ensaísta **Tânia Rivera** (Rio de Janeiro), **Debora Tajer**, psicanalista, professora na Universidad de Buenos Aires, Co-coordenadora Foro de Psicoanálisis y Género APBA e **Thamy Ayouch**, psicanalista e professor na Universidade Paris-Cité (Paris-Fr) vem a público propor o seguinte MANIFESTO

PSICANALISTAS CONTRA O FEMINICÍDIO

O encontro da psicanálise com a violência contra mulheres data dos primórdios da experiência de Freud. Suas primeiras pacientes, que a psiquiatria do século XIX definia como “histéricas”, foram suas Ariadnes, dando-lhe o fio que o levaria à descoberta do inconsciente. A partir de sua decisão de escutar essas pacientes, Freud ouviu de várias delas que haviam sido seduzidas ou estupradas. O



termo “sedução” vai ser o eufemismo com o qual ele vai nomear sua primeira concepção da etiologia da histeria, conforme seu texto de 1896¹. Como sabemos, Freud vai abandonar em seguida a sua teoria da sedução, a qual ele chamava de *neurótica*, para colocá-la no registro da fantasia, preservando a noção de sedução como fator estruturante a partir de sua teoria do complexo de Édipo, onde a criança, e não mais o pai, a mãe ou outros adultos, vai ser a protagonista da cena de sedução, que até então aparecia como o núcleo traumático da neurose. A respeito da “cena de sedução” que Freud escutava na rememoração traumática de suas pacientes e na qual ele situava o desencadeamento da neurose, a psicanalista Tania Rivera considera:

*Se é na figura da “criança perversa polimorfa” que a noção de perversão se declina explicitamente no texto de 1905², é importante perceber que ela não deixa de ressoar, implicitamente, o problema fundamental ao qual se dedicara Freud nos anos anteriores, o problema que fundamenta a própria psicanálise e sua concepção de sexualidade, a partir do que lhe dizem suas pacientes histéricas, desde o momento em que de fato ele se dispõe a ouvi-las: a cena de estupro. Assim a nomeamos aqui, porque nos parece importante e mesmo urgente abandonar o eufemismo do termo **sedução**, pelo qual Freud a inscreve na teoria, para situar nela a perversão do pai, como fazia o psicanalista em carta a Wilhelm Fliess de 6 de dezembro de 1896: “Parece-me cada vez mais que o aspecto essencial da histeria é que ela decorre da perversão por parte do sedutor³.” De fato, nisso que contam ao psicanalista seus pacientes, principalmente mulheres que, apesar de estarem fortemente silenciadas naquele contexto*

¹ FREUD, Sigmund. A historicidade e a etiologia das neuroses (1896). In: *Ed. standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. III. Trad. Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

² FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre as teorias da sexualidade (1905). In: *Ed. standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. VII. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³ FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1908*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 213.

social, não deixavam de se rebelar e fazer ver através de seus sintomas – trata-se, de maneira geral, de narrativas que dão contornos e denunciam com muita nitidez um ato de abuso que seria perpetrado por um homem, em geral o próprio pai, de modo a objetivar corpos e usá-los a seu bel-prazer. E este fato bastaria para que se perceba que aquilo mesmo que mais tarde será nomeado como gênero é fulcral na teoria e na clínica psicanalítica, pois ao apontar nessa cena o fator patogênico central das neuroses, a teoria freudiana se implica, de saída, em uma notável explicitação da estrutura patriarcal vigente. De fato, tal ato, pelo qual a própria psicanálise se inaugura, traz à luz um problema fundamental, o trauma, situando como seu agente o protagonista do patriarcado em um comportamento que performa e reafirma seu poder de maneira abusiva sobre sujeitos vulneráveis, como crianças e adolescentes, em uma derrapagem perversa do pátrio poder que não deve ser confundida com a plasticidade anômica da sexualidade em geral, pois perpetra um assujeitamento que põe em risco a própria integridade psíquica de suas vítimas. Uma vez assim situado, este gesto freudiano pode ser visto como ponto de partida para uma verdadeira dissecação do patriarcado – e ser tomado por nós como alicerce de uma leitura feminista dos textos psicanalíticos que aposte metodologicamente na potência de análise e desvelamento das narrativas patriarcais implicadas em alguns de seus enunciados, ainda que o próprio Freud os enuncie, como não poderia deixar de ser, do interior mesmo da estrutura patriarcal – ou seja, numa performance de gênero, como mostra de resto com eloquência sua escolha de um significante que esconde a

*brutalidade do trauma patriarcal sob o véu do erotismo implicado no termo “sedução”.*⁴

A partir dessa leitura podemos entender um pouco o modo como Freud conduziu o tratamento de casos como o de Katharina, que data dos *Estudos sobre a histeria*⁵, que ele apresenta como um caso de abuso cujo autor teria sido o tio da paciente, quando na verdade era o pai, o que o psicanalista leva 25 anos para revelar. Pensemos no caso de Rosália, também nos *Estudos sobre a histeria*⁶, que Freud comenta durante a apresentação do caso Elizabeth. Freud compromete mesmo a compreensão do caso em sua narrativa, atribuindo, mais uma vez, a autoria do abuso sofrido por sua paciente ao tio desta última. Como no caso Katharina, somente um quarto de século depois, na edição de 1924, ele vai revelar que o verdadeiro autor era o pai. Pensemos em Dora⁷, que ele encontra em 1900 e publica 5 anos depois. Aliás, de todos casos publicados de Freud, o de Dora foi sem dúvida o mais comentado na história da psicanálise, e somente muito recentemente se explora a dimensão da violência que ela havia sofrido. A reação de Dora que, aos 14 anos, esbofeteia seu abusador, um homem maduro, marido da amante de seu pai, vai ser interpretada por Freud como uma reação de repulsa histérica, pois, segundo ele, uma jovem normal teria reagido com excitação diante dos avanços de um homem. Além disso, Freud não conseguiu levar em conta o fato de Dora estar na posição de objeto de um pacto perverso como moeda de troca entre dois homens: seu pai e o marido da amante dele.

Muito poderíamos discorrer sobre este ponto, mas vamos privilegiar nossa perplexidade diante da ausência de releituras desses casos à luz deste incontornável problema para a psicanálise que a violência contra as mulheres representa.

⁴ RIVERA, Tania. Para dissecar o falo: fetiche, violência e sedução. In: *Lacuna: Uma Revista de Psicanálise*. São Paulo, v. 14, p. 2, jun. 2023.

⁵ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1895). In: *Ed. standard das obras completas de Sigmund Freud*, v. III. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

⁶ *Ibid.*

⁷ FREUD, Sigmund. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905). In: *Ed. standard das obras completas de Sigmund Freud*, v. VII. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Consideramos no mínimo como espantoso o silêncio de grande parte dos herdeiros do legado de Freud, tanto em relação à renúncia de Freud à sua *neurótica* quanto com relação ao problema da violência contra as mulheres e do feminicídio, seu corolário, pois nenhum feminicídio começa no assassinato, mas bem antes, no processo da violência de gênero que a cultura patriarcal capitalista injetou na sociedade ultramoderna como seu componente natural. Podemos certamente considerar que os psicanalistas não têm a incumbência de se manifestarem sobre todo e qualquer sintoma social. Porém, se levamos em conta que a violência contra as mulheres está na essência da história da psicanálise, e mesmo na sua origem, mais do que sintomático, este silêncio hoje toma a aparência de um escândalo, o mesmo que Freud talvez tenha tentado contornar com sua salvaguarda do pai perverso. E se aqui nos referimos a um escândalo, é principalmente porque em sua etimologia, na língua grega, o termo *skandalon* significa “aquilo que faz tropeçar”⁸. E podemos nos perguntar se a violência de gênero, tal qual Freud a escutou e como hoje todos os psicanalistas escutam em suas clínicas, não seria aquilo em que tropeçamos repetidamente, pois, assim como ele, acolhemos em nosso trabalho o sofrimento de cada sujeito em sua relação com o outro no laço social. Neste ponto, vale a pena lembrarmos da formulação de Lacan segundo a qual *o analista trata o paciente menos com sua estratégia do que com sua política*⁹.

Sabemos que a violência contra as mulheres não data do início da psicanálise. O lugar das mulheres, nas diferentes épocas, sociedades e culturas, sempre foi o de objeto de dominação e controle. A submissão aos mecanismos de poder, segundo cada contexto social e político, faz parte da história das mulheres. Desde o final da idade média as mulheres são objeto de um projeto político de extermínio. A caça às bruxas sempre esteve inscrita em um processo que começou com a expulsão de mulheres que cultivavam terras comunitárias, que as estruturas de poder econômico vigentes desejavam privatizar. O capitalismo rural primitivo nascente transformou aquelas mulheres, muitas delas idosas, em mendigas

⁸ Conforme os desenvolvimentos da psicanalista Isabelle Alfandary em seu livro *Le scandale de la séduction: d’Œdipe à Me Too*, Paris: PUF, 2024.

⁹ LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.



andarilhas. Foram destituídas de seu lugar social e acusadas de pacto com o diabo. A bruxa foi a comunista e a terrorista do seu tempo, e sua imagem ainda hoje faz render muito ao comércio mundial, particularmente no Halloween. Em seu livro *As mulheres e a caça às bruxas*¹⁰, Silvia Federici demonstra o quanto aquele projeto de extermínio de mulheres jamais foi abandonado. Ao contrário, foi progressivamente e continuamente praticado na modernidade e levado ao extremo na ultramodernidade de nossos dias.

E de fato, estamos vivendo uma guerra mundial contra as mulheres que em nada difere da caça às bruxas, associada a um projeto capitalista também alimentado por ideais do empresariado religioso e político, filhos prediletos do neoliberalismo, cujo pilar mais forte é o patriarcado. No mundo inteiro mulheres estão sendo mortas e violentadas por terem escolhas emancipatórias que divirjam dos destinos que a sociedade patriarcal, através de seus agentes, deseja seguir perpetuando. Quando o Estado permite o afrouxamento e o enfraquecimento dos mecanismos de punição de autores de violência e de proteção às mulheres, torna-se cúmplice pelos danos à vida que sua ausência de responsabilidade causa.

Aliás, em nada se diferencia um homem que mata uma mulher de um regime totalitarista que executa mulheres que ousam se insurgir contra ele, como foi o caso das irmãs Mirabal na República Dominicana em 1960.

Em termos de Brasil e de nossa contemporaneidade, a escalada da violência contra as mulheres e do feminicídio também está, entre outros fatores, fortemente associada ao discurso de ódio cultivado e disseminado pela extrema direita desde 2016, com o golpe de Estado que destituiu Dilma Rousseff, a primeira mulher a governar o país, dando sequência a seu antecessor com projetos que priorizavam a dignidade do povo brasileiro. Lembremos que aquele que viria a ser, em 2018, eleito Presidente, votou enquanto parlamentar, pela destituição da Presidenta, segundo suas próprias palavras, “em homenagem à memória de Brilhante Ustra, horror de Dilma Rousseff” por ter sido seu torturador na ditadura militar. Desde então a naturalização da violência verbal e mesmo física, seja nos espaços público, político ou privado, não parou de crescer – assim como a violência racial, e a violência de

¹⁰ FEDERICI, Silvia. *As mulheres e a caça às bruxas*. São Paulo: Boitempo, 2019.



Estado passou a matar em abordagens policiais um jovem negro a cada 23 minutos, além de promover, em uma velocidade impressionante, a extrema pauperização de uma espessa camada da população¹¹.

O assassinato de Marielle Franco, em março de 2018, já nos advertia que o grande projeto político e econômico era nos colocar sob os escombros da dignidade de nossa condição feminina e de nossa cidadania, e que qualquer mulher brasileira poderia vir a ter o mesmo destino. Efetivamente, com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições daquele ano, essa violência destruidora do discurso de ódio, que causou uma degradação imensa no laço social, cresceu de maneira assustadora, na mesma medida que a violência contra as mulheres e o feminicídio, que hoje tem uma incidência gigantesca, com uma mulher agredida a cada 4 minutos, um estupro a cada 6 minutos e, em média, 4 mulheres mortas por dia¹².

Em uma cultura que vive sob os efeitos destruidores do neoliberalismo patriarcal que brutaliza o discurso e as relações de trabalho, naturaliza todas as formas de violência e somente valida o gênero masculino, qualquer homem pode se sentir autorizado a agredir, estuprar ou matar uma mulher quando ela o frustra, ousando escolher não mais estar disponível como objeto de sua violência.

Cabe lembrar que **no Brasil, as mulheres negras representam hoje 68% do número de estupros diários, em torno de 277**, e que a maioria delas são meninas com menos de 13 anos, **e que 62,6% das vítimas de feminicídio são mulheres negras**¹³.

Testemunhamos hoje em muitos estados governados pela extrema direita a promoção de massacres em favelas. Sob o pretexto de combater o narcotráfico, o Estado executa a pena de morte *in loco* como justificação, desrespeitando o direito à vida humana e perpetuando uma espiral de violência que não se restringe aos supostos envolvidos com o crime. Mulheres perdem seus filhos duas vezes: a primeira para o tráfico, a segunda para as balas perdidas da polícia.

Frantz Fanon¹⁴ já afirmava que a violência é indivisível, e de fato, os efeitos desse caráter indivisível da violência incidem sobre as relações de gênero, pois

¹¹ Conforme relatório do Fórum de Segurança Pública do Brasil de 2023.

¹² Conforme relatório do Fórum de Segurança Pública do Brasil de 2024.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.



nesse contexto em que a violência se apresenta como um componente do laço social, ela se faz presente em todas as esferas de nossa sociedade. As mulheres estão expostas à violência do masculinismo na sua vida privada, no ambiente escolar, nas ruas, nas universidades, nas clínicas ou hospitais, na política, no seu meio profissional, qualquer que seja ele, inclusive na psicanálise.

Desejamos insistir aqui que a violência contra as mulheres, bem como o feminicídio, que se apresenta como um elemento estrutural das relações familiares e de gênero, extrapola em sua exorbitante expansão essa definição. Estamos assistindo a essa intensificação da violência contra as mulheres, e particularmente contra mulheres negras e racializadas na América Latina, também porque se trata de um processo de recolonização política. Precisamos dizer ainda que é extremamente relevante denunciar que essa mesma violência incide sobre crianças e adolescentes. Testemunhamos a escalada de casos de homens abusadores de meninas, que diante de denúncias de pedofilia reivindicam suas posições de “maridos”, e que são obscenamente canceladas pelo Poder Judiciário. É assustador que precisemos dizer o óbvio para que se assegure a devida proteção das crianças e adolescentes de mais essa faceta do sistema patriarcal.

A extensão desta violência a toda e qualquer mulher vem como efeito do masculinismo que o patriarcado produz e fermenta, com sua absoluta falta de escrúpulos para destruir qualquer insurgência contra seu projeto. Tenhamos presente que o feminicídio não começa quando o assassinato acontece, porque ele resulta de um processo de violência que vai do universal ao particular, cujos sintomas já reunimos aqui, no que se refere a uma crescente patologização dos laços sociais e das relações de gênero.

E isso tudo chega a cada psicanalista como chegou a Freud, pois além das históricas e crescente lutas feministas, especialmente das feministas negras, para as quais a psicanálise não tem mais como ficar surda, existe a incontornável realidade da experiência clínica, onde as mulheres buscam uma escuta de seu sofrimento, marcado fortemente pelas violências que sofrem.



Os psicanalistas e as psicanalistas precisam, com a maior urgência, reconhecer nessas incidências clínicas e nessa realidade social tão assustadora, um problema no qual eles e elas estão implicados ética e historicamente. Entretanto, para isso, se faz necessário que a psicanálise brasileira se desfaça de sua inclinação, desde seu surgimento, a sustentar um modelo de psicanálise eurocentrado e branco. Não há mais lugar para a psicanálise brasileira se afiançar em concepções descontextualizadas da realidade brasileira, tomando a teoria psicanalítica como universal, sem pensar de forma crítica e criar possibilidades para nossa realidade.

Pensar a psicanálise no contexto latino-americano, como território colonizado que teve apagados os saberes dos povos originários e africanos, se faz urgente para também desvelarmos a misoginia que esse apagamento carrega. No contexto brasileiro, não podemos deixar de reconhecer a tentativa desta construção em Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza e Lélia Gonzalez, que, suprimidas da história da psicanálise, ressurgem como leituras ímpares, que dialogam intimamente com o sofrimento da população e os efeitos psíquicos de nossa sociedade patriarcal colonialista.

O legado dessas três autoras psicanalistas é uma verdadeira bússola para todo psicanalista que trabalha com mulheres em situação de violência. Mulheres que em sua grande parte são negras e periféricas, invisibilizadas e silenciadas por sua vulnerabilidade. E se aqui neste manifesto colocamos ênfase sobre a violência contra as mulheres negras, nossa tomada de posição clínica, ética e política inclui todas aquelas que se identificam como mulheres. Isso porque nos deparamos o tempo todo, no contexto social, político e histórico que estamos vivendo, com os efeitos devastadores da transfobia e da lesbofobia.



Como dissemos acima, cada mulher que escutamos traz consigo a gravidade dos sintomas do laço social do nosso tempo. Nosso trabalho de psicanalistas precisa atuar na contra-corrente da escabrosa epidemia de violência contra as mulheres e do extermínio delas, seu corolário.

Reafirmamos nossas escolhas por uma prática fundada sobre uma ética freudiana, pois apesar do abandono de sua *neurótica*, Freud não deixa de reconhecer, em vários momentos de sua obra, a incidência real e efetiva do abuso sexual, como por exemplo em uma nota de 1924 ao texto “*Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*”, publicado originalmente em 1896. Nesta nota, ele afirma: “*a sedução ainda tem certa importância na etiologia, e algumas das explicações psicológicas me parecem exatas ainda hoje*”¹⁵. Além disso, Freud passou grande parte de sua experiência alertando para o quanto a sociedade, com sua cultura burguesa, moralista, capitalista e religiosa, oprimia e adoecia as mulheres. Também cabe lembrar que em 1933, em sua conferência sobre a feminilidade, podemos encontrar vários pontos discordantes sobre sua concepção do feminino. Entretanto, ali nos deparamos com sua afirmação segundo a qual a psicanálise não deveria pretender dar conta do que é uma mulher, mas sim investigar como ela se torna. Dizendo isso, ele antecipou o que Simone de Beauvoir viria a afirmar em 1949.

Por tudo isso, estamos propondo, enquanto psicanalistas em nome próprio ou em coletivos, este presente **MANIFESTO**. Nosso interesse maior é a reabertura do debate entre psicanalistas com relação a este problema clínico e social que nos concerne a todes que exercem essa clínica. E fazemos isso a partir de nossas práticas, transmissão clínica e produções teóricas que reatam com a essência

¹⁵ FREUD, S. (2023/1896). “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”. In Obras completas, volume 3: Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), São Paulo: Companhia das Letras, p. 167.



subversiva da psicanálise, a mesma subversão que Freud nos legou quando entendeu que as mulheres precisavam falar e ser escutadas.

Este **MANIFESTO** é também uma convocação a que o maior número possível de psicanalistas se disponham a praticar uma psicanálise engajada com a cidade. E também o presente **manifesto** além de denunciar o quadro estrutural da violência contra as mulheres e do feminicídio, constitui um convite a toda a comunidade psicanalítica a se posicionar, subscrevendo-o conosco, e a pensar em mecanismos de intervenção clínica e em formas de contribuir para a transformação deste sintoma social. E este convite carrega consigo o peso da urgência desta intervenção, pois incide sobre possibilidades, para muitas mulheres, de **seguir em frente em suas vidas!**

